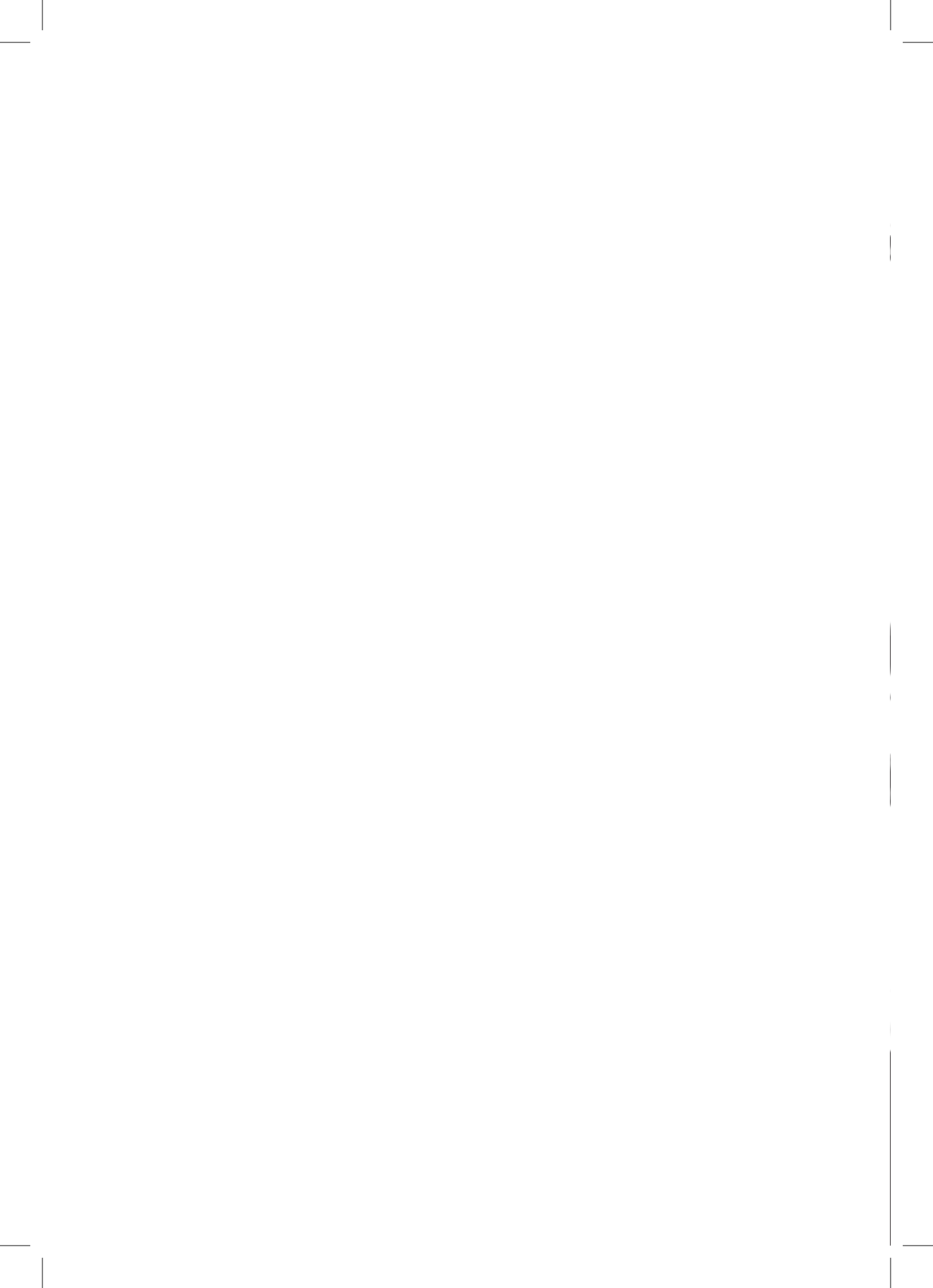


LUIZ GONZAGA CARNEIRO
GONZAGUINHA ETERNAMENTE

AUTORA: CLINAURA MACÊDO





LUIZ GONZAGA CARNEIRO
GONZAGUINHA ETERNAMENTE

AUTORA: CLINAURA MACÊDO

DIAGRAMAÇÃO: YANIC BRAGA | ILUSTRAÇÃO CAPA: PEDRO MONSTRIM

[Y.DIENER@GMAIL.COM](mailto:y.diener@gmail.com)

[MONSTRIM@GMAIL.COM](mailto:monstrim@gmail.com)



À Eterna

Violoncelista, professora dedicada

A companheira e o grande amor da vida de
Gonzaguinha.

AGRADECIMENTOS

À Eterna, por ter me proporcionado a oportunidade de contar a história desse grande músico e grande homem.

A Ricardo Dourado, pela maravilhosa entrevista que me concedeu. Com profunda demonstração de gratidão e respeito pelo mestre, contou-me, com detalhes preciosos, sobre o relacionamento de Gonzaguinha com seus alunos.

A Ricardo Vasconcellos, por ter me relatado, com muita atenção e demonstração de carinho, a experiência de seu Trio, na UnB, sob a orientação de Gonzaguinha.

Eternamente o primeiro
É o melhó a lhe chamá
Luiz Gonzaga Carneiro
Pioneiro, soube marcá
Cum arte a sua presença
Simplicidade e excelança
Ele soube combiná

Maestro daqui ou de fora
Num tinha o que reclamá
Dava a entrada e ele na hora
Dava a impressão de buscá
O que cum estudo num vem
Que num se vê mas que tem
Pra uns pouco em algum lugá

E agora, seu menino
Vô contá o que se passô
Na história do nordestino
Que aqui se consagrô
No Teatro Nacional
Um mestre, dos imortal
Sem papel se fez Dotô

Na cidade de Paulista
Em pleno mês de São João
Nasceu dos maió artista
Lhe digo cum precisão
28 foi o ano
Chegô um pernambucano
Orgulho dessa nação

Paulista pernambucana
É bom se dê explicação
Foi por causa de um bacana
Que se embrenhô no sertão
No nordeste brasileiro
Um cabra chei de dinheiro
Domina a situação

As praia de "Enseadinha"
"Janga", "Do O", "Conceição"
"Pau Amarelo", "Farinha"
Presenteava a visão
Beleza a perdê de vista
Que convencero o paulista
A fazê negociação

E foi em sua homenagem
Que o povo então batizô
O trecho dessas parage
Que cidade se tornô
Cabra macho, muito home
Botaro seu codinome
Nas terra que ele comprô

Quando o assunto é "Artista"
Pernambuco é "Seleção"
Se fosse fazê a lista
Sô doida? Me arrisco não!
E num me estresse dispois
Só Luiz Gonzaga tem dois:
Gonzaguinha e Gonzagão!

Apois olhe, seu menino
Gonzaguinha e Gonzagão
Dois Gonzaga nordestino
E dos Concerto ao São João
Nas Sonata e nas Folia
Um brilha na Sinfonia
O outro é o Rei do Baião

Na cidade de Paulista
O mestre Urias Carneiro
Professô clarinetista
Incentivadô primeiro
Cum sua esposa Margarida
Incaminharo na vida
Um dos maió brasileiro

E seu fio Gonzaguinha
Cumeçô a istudá
Cum o talento que ele tinha
Havera de se torná
O maió clarinetista
Seguro e completo artista
Do erudito ao populá

No "Externato Timbaubense"
Teve as primeira lição
Mestre Amaro se convence
Tinha um talento nas mão
E o mestre num se inganô
Foi o primeiro professô
Amaro tinha razão!

Caixa Surda ele istudô
Foi a primeira paixão
Mas dispois ele mudô
E tomô a decisão
E disse: "ninguém se meta!"
Apois era a clarineta
A sua predileção

Pra dominá um instrumento
Eu garanto a vosmicês
Até o maió dos talento
Se num istudá num tem vêz
E a sua preparação
Continua cum as lição
De John Johnson, mestre inglês

A BANDA

Mas espie, seu menino
Que um ingano eu num cometa
Concerto dos nordestino
Era as Banda e as Retreta
E o menino Gonzaguinha
Cumeça pela Bandinha
A escola da clarineta

Escola que respeitô
Amô e reconheceu
Dispois que se consagrô
A Banda, nunca esqueceu
E a primeira a cumeçá
Foi "Banda Pé de Cará"
Onde tocô e regeu

Se a Banda toca um Dobrado
Faz a cidade pará
O flautim faz um trinado
Cum a caixa a acumpanhá
O crescendo da harmonia
E a plateia se arripia
Cum a marcha militá

Pracinha que tem Retreta
Tem Bandinha que comanda
Pra istudá a clarineta
Primeira escola é a Banda
Só conseguiu explicá
O que é uma Banda a passá
Chico Buarque de Holanda!

Agora num tem pracinha
Nem criança a apreciá
Imagine um Gonzaguinha
Num consigo imaginá
Cum seu talento imbotado
Dia e noite pindurado
No diabo dum celulé!

Menino corre perigo
De ficá bobo e doente
Se reúne cum os amigo
Obcecado e ausente
Nos "uatisape" grudado
Alheio e "conectado"
Isquece quem tá presente

Apois menino moderno
Bandinha, qué vê mais não!
Num barulho dos inferno
Cum os "Aifone" nas mão
Plantão 24 hora
Navegando mundo afora
Sem Bandinha e sem noção!

Década de 1950

Gonzaguinha qué mudança
Apois queria istudá
Corage e perseverança
Quem haverá de pensá!
Da arte tinha certeza
Mas começa em Fortaleza
Sua vida militá

Mas num perde a confiança
Dos que procura o sabê
Enquanto espera a mudança
Que havera de acontecê
Cum humildade ingressô
Numa orquestra de amadô
Apois queria aprendê

E eis que chega à cidade
A "Sinfônica Brasileira"
Mestre da Universidade
Tá no naipe das madeira
E foi este professô
Que em sua vida decretô
Mudança grande e certa

Gonzaguinha num sonhõ
Istudá nos istrangeiro
Jaioleno, o professõ
Catedrático brasileiro
Um talento percebia
Disse cum sabedoria
"Vá pro Rio de Janeiro! "

E lá se foi o menino
Realizá seu desejo
Deixa no chão nordestino
Quermesse, Banda e Festejo
Pra istudá derna a Teoria
À Clarineta e Harmonia
E dominá o Solfejo

Formô-se profissiona
Pra além do Rio de Janeiro
Apois nome nacional
Surge dentre os cumpanheiro
Em concurso de solista
Brilha a estrela do artista
Luiz Gonzaga Carneiro

Rio de Janeiro

Década de 1950

1959

Tocadô de competência
Num tava de brincadeira
Um artista de excelença
Teve a vitória primeira
Primeiro prêmio conquista
No Concurso de Solista
Da Sinfônica Brasileira

Seu destino foi traçado
Derna as primeira lição
Pra dispois sê consagrado
Vencendo competição
E o prêmio a recebê
Foi tocá cum a OSB
Em grande apresentação

Vitória e consagração
Conquistô naquele dia
Respeito e admiração
Em merecida honraria
"O Estudante do Ano"
Ganhô o pernambucano
Em sua biografia

"Estudantes do Ano de 1959"



LUIS GONZAGA CARNEIRO — Vencedor do concurso para solistas da Orquestra Sinfônica Brasileira em 1959, nasceu no dia 4 de junho de 1928, na cidade de Paulista, no Estado de Pernambuco. Seus primeiros estudos foram feitos no Externato Timbaubense, na cidade de Timbaúba, onde iniciou também seus primeiros conhecimentos de música sob a orientação do mestre Amaro Jorge. Teve desde o início de sua vida musical o incentivo de seu pai, clarinetista e mestre de música na cidade de Paulista, que junto à sua extraordinária vocação conseguiu os maiores êxitos como jovem solista. Seu primeiro instrumento foi a clarinetinha, e posteriormente o clarinete, em qual se dedica até hoje, e que realmente é de sua predileção. Em 1937 foi para Fortaleza, Ceará, onde ingressou na vida militar e fez parte da Orquestra Sinfônica de amadores dessa cidade.

Seu desejo era procurar um centro mais adiantado para que pudesse estudar clarinete e onde tivesse melhores oportunidades no campo artístico, pois sentia que muito ainda tinha que aprender e entusiasmo não lhe faltava. Luis Gonzaga Carneiro conheceu enfim, em 1954, o mestre que lhe daria todas as oportunidades de vencer em sua vida artística, quando a Orquestra Sinfônica Brasileira esteve em excursão pelo Nordeste, indo a Fortaleza. Seu nome: professor Jafelino dos Santos, verdadeiro educador musical do jovem Luis Gonzaga, estafético da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, ingressou nessa escola, onde se concluiu os cursos de Teoria Musical, Solfejo, Harmonia, Morfologia Prática de Orquestra, Clarinete e congêneres. Em 1959, participou do concurso para solistas da Orquestra Sinfônica Brasileira, vencendo-o, exibindo-se nesse mesmo ano em concerto com a OBS, no Teatro Municipal. Luis Gonzaga Carneiro, o jovem que venceu em seu setor, graças à sua dedicação, ao seu entusiasmo e ao seu talento, escolheu para sua Madrinha na solenidade do "Diário de Notícias" em que recebeu o título de "Estudante do Ano de 1959", a maestrina Joanidia Sodré, diretora da Escola Nacional de Música. Sua vida é também um exemplo aos jovens que estudam música, numa elevada demonstração de inteligência, que a colocou entre os músicos de mais talento dos últimos anos — engrandecida pelo seu esforço notável. Prosseguindo seus estudos de aperfeiçoamento na ENM certamente continuará obtendo mais êxitos, graças sempre ao seu espírito modesto, mas de grande valor.

TEATRO DE ARENA DA FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA (LUIS HENRIQUE PESSINA) — Quando se pensa em construir um teatro de arena na Faculdade Nacional de Arquitetura, as idéias se fundamentaram na necessidade do desenvolvimento do teatro universitário e se concretizaram com os esforços conjuntos do Diretorio Acadêmico Athlo Correia Lima e do diretor da FNA, professor Raimundo Barbosa de Carvalho Neto. Foi resolvido que seria um teatro de arena, por ser este tipo de lugar de espetáculo o que mais atraiu a habilidade de ser teatro experimental, como deve fazer um teatro de teatro universitário, e também por se encontrar esta obra dentro dos limites financeiros de que se poderia dispor. O Teatro foi construído, segundo projeto do catedrático Arquimedes Memória, num dos pátios internos que possui o grande prédio da Reitoria da Universidade do Brasil, em volta do qual se situa a Faculdade Nacional de Arquitetura. O Teatro de Arena da FNA foi um dos primeiros a ser construído no Rio de Janeiro, podendo ser utilizado provisoriamente por qualquer grupo de teatro, amadores ou profissionais, que desejarem fazer temporadas, dando igual oportunidade de aos grupos de universitários ou estudantes de teatro em geral. O Teatro de Arena da Faculdade Nacional de Arquitetura constitui patrimônio da FNA e é destinado a presenciar as necessidades do órgão oficial do DA para as atividades teatrais, o Departamento de Teatro, o qual tem por objetivo incentivar, organizar e dirigir todo o movimento teatral da Faculdade. A sua direção é competida pelo diretor da FNA, pelo presidente do Diretorio Acadêmico, universitário Luis Henrique Pessina (ver foto), pelo diretor do Departamento de Teatro e pelo professor Raimundo Barbosa de Carvalho Neto (atual diretor da FNA) em caráter permanente. Em 1959 foram representadas três peças: "Auto do Estudante Inquieto", do magnífico reitor Pedro Calmon, "A Guerra", de Coelho Neto, e "Demorado Adeus", de Tennessee Williams. As duas últimas pelo "Grupo de Teatro", e todas as três dirigidas por José Bezerra de Paiva. Ao Departamento de Teatro cabe a administração do Teatro de Arena e o zelo pelo patrimônio, assim como o seu enriquecimento. O Patrimônio do Teatro de Arena da FNA, será o sr. Gianni Batto, um dos diretores do "Teatro dos Sete", escolhido que foi pela diretoria do Diretorio Acadêmico Athlo Correia Lima. Neste ano, o DA da Faculdade Nacional de Arquitetura realizará inúmeras peças, todas com um elenco de estudantes universitários especialmente para o público universitário. A excelente idéia, que estava faltando nos meios estudantis em geral, encontra agora o apoio de toda a classe, confraternizada pelo mesmo ideal, unida pelo teatro universitário.

Solista selecionado
Por severa comissão
Saiu daqui decretado
Pra cumpri nobre missão
Virtuoso brasileiro
Foi tocá nos estrangeiro
Representando a nação

Mas apesá das conquista
Dos prêmio que ele ganhô
Pra carreira de solista
Gonzaga num se entregô
Camerista dedicado
E mestre, dos mais amado
Mais pai que um professô!

Como um pai, num se contenta
Num isconde o seu sabê
Apois nos ano setenta
Eu conto pra vosmicê
Eis que chega a clarineta
Quinteto e Trio de Palheta
Gonzaga na UnB!

1975

**Gonzaguinha
na UnB**

Foi, nos seus ensinamento
Mestre em Instrumentação
Sabedô dos instrumento
Das regra da Orquestração
Pois pra fazê Sinfonia
Tem que sabê Teoria
E ele deu essas lição

RICARDO DOURADO FALA DE GONZAGUINHA
"PORTA ABERTA!"

Aluno de Gonzaguinha
Procurei pra intrevistá
Ricardo Dourado já tinha
Palavra e sem gaguejá
Cum amô e sinceridade
Falô "generosidade!"
Definiu pra cumeçá

Ricardo ia se lembrando
Dos trecho pra relatá
Enquanto eu ia anotando
Parô um pouco a pensá
Caçando a palavra certa
De repente "porta aberta! "
Falô e foi me contá:

Certo grupo de menino
Cum o mestre quis aprendê
Apois traçaro o distino
Permitindo sucedê
Um dos exemplo de amô
Mais raro, que um professô
Demonstrô na UnB

Apois menino capeta
Danado, atento e alerta
Armado cum as clarineta
No mestre dava as "incerta"
Gonzaguinha permitia
Num tinha hora nem dia
A porta era sempre aberta!

Um grupo de iniciante
Sem dinheiro pra pagá
Candidato a istudante
Cum corage ia buscá
As aula de um virtuoso
Mas um mestre carinhoso
Apois viero a incontrá

A coisa foi se firmando
No início era casual
As aula vão se tornando
Regulá e semanal
Num tavam de brincadeira
E a tarde de sexta feira
Se tornô oficial

Os menino carecia
De tê orientação
Mas logo eles percebia
Que muito além das lição
Cum o mestre tinha incontrado
Um pai, pois foro adotado
Seus fio de coração

Incaminhava os talento
Cum mão certa e ternura
Menino sem instrumento
Ajuda certa e segura
Arrumava as clarineta
Dava boquilha, palheta
E as melhó partitura

Num tinha lugá nem hora
A sua preocupação
Das viage mundo afora
Trazia no maculão
Das loja de partitura
De respeito e de finura
As mais famada edição

OS MENINOS

Clarinetista

Ademir Junior
Alexandre Areal
Fernando Machado
Isabela Sekeff
Johnson Machado
José Nogueira
Ricardo Dourado

Saxofone

Dílson Florêncio
Gedeão Silva
Vadim Arsky

Mão certa do destino
Apois eu vô lhe dizê
O que deu destes menino?
Assunte, vô respondê:
São tudo profissional
Do Teatro Nacional
A mestre da UnB.



Manoel Carvalho foi o primeiro aluno a se formar em Clarineta, na UnB. Tornou-se clarinetista da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, sentando-se ao lado de seu mestre. Formou seus alunos, como Professor da Escola de Música de Brasília e é o fundador da "Brasília Popular Orquestra" - "BRAPO".

Marluce Camacho foi a primeira mulher a se formar em Clarineta, na UnB.

Gonzaguinha criou o **Curso de Saxofone na UnB**. Foi o primeiro curso de saxofone da América Latina.

Dílson Florêncio foi o primeiro aluno a graduar-se em saxofone na UnB. Também se graduaram em saxofone **Vadim Arsky e Gedeão Silva**.



Lembrando os ano sessenta
Cum o Brasil em explosão
Os istudante arrebenta
Assembleia e discussão
A era dos Festival
Ferve a "Geleia Geral"
E lá vai a "Procissão"

Seguimo os ano setenta
E "A Banda" vista a passá
De verde ela se apresenta
Rufa os tambô militá
No auge dos manifesto
A batuta do protesto
Rege a Música Populá

Apois foi nesse momento
O país em ebulição
Que o nosso Departamento
De recente criação
Presenteia a UnB
Em convidá e recebê
Mestres pra grande missão

O QUINTETO DE SOPROS DA UnB

Apois a Dama primeiro

ODETTE ERNEST DIAS

Eu cito pra cumeçá

Como poucos brasileiro

Soube a nós se dedicá

Tão cedo num se repete

Seu menino, outra Odette

No Brasil desembarcá

Mestre no seu instrumento

Se dedica a pesquisá

Cuidô no Departamento

Sua marca registrá

Artigo, disco gravado,

Solo, livro publicado

Foi mais além do tocá

Num tem flautista em Brasília

Cum ela sem ligação

Se compará cum família

Lhe digo cum precisão

De quem num é mãe, é avó

Flautista, num tem um só

Que num herdô suas lição!

Vasco, mestre consagrado
Generoso em seu sabê
Dos professô mais amado
Que eu já vi na UnB
Desafio quem quisé
Na cadeira do oboé
Outro Vasco aparecê

Incontrô o Departamento
Cum um trabalho a cumeçá
Num botô em julgamento
O nosso mundo e o de lá
Aluno de todo jeito
Cum paciência e respeito
Ele cuidô de ensiná

Dos som do Departamento
Que eu jamais vô isquecê
Das peleja em instrumento
"Quem é quem", "sê ou num sê"
Seu menino eu sei Quem É!
O mestre do oboé
Foi Vasco na UnB.

Mestre Hary, respeitado
Discreto a mais num podê
Seguro, compenetrado
Inda, além do seu sabê
Pra completá o pacote
É mestre no seu fagote
Tocadô e Lutiê

Fagotista de primeira
De completa formação
Sem trégua e sem brincadeira
Istudô cum os alemão
Um mestre na UnB
Ensinô, gravô CD
Cum arte e cum perfeição

Tocadô de competência
Seguro pra dá as lição
Mestre Hary "Com Licença!"
Me desculpe a pretensão
Da licença d'eu dizê
A Orquestra e a UnB
Lhe tem toda a gratidão!

Pra completá o quinteto
Assunte, a trompa anuncia
Num me arrisco e num me meto
Cum quem tem sabedoria
O solfejo do Brasil
Convoca mestre Bohumil
Pra comandá as Teoria

Cum grande sabedoria
Criô suas próprias lição
Seu sistema em Teoria
Provocô revolução
Dó Mi Sol é Um Três Cinco
Apois num estude cum afinco
E aguenta reprovação!

Seu sistema em Teoria
Cuidô de consolidá
As prova, quem num temia?
E eu quero homenageá
Um, três, cinco? É nota mil!
Os aluno do Bohumil
Que num teme solfejá!

Gonzaga cum competência
Já sabia o que fazê
Um Quinteto de excelênça
Concerto a mais num podê
Meu sinhô, minha sinhora!
Correro Brasil afora
Cum o nome da UnB.

RICARDO VASCONCELLOS FALA DE GONZAGUINHA

"Músico diferenciado"

Meu amigo me falô
Cum amô, sem economia
Do artista e professô
Do seu sabê e alegria
Definiu emocionado
"Mestre diferenciado"
Do Populá a Sinfonia

E Ricardo me contô
Cum saudade e emoção
Do Trio que se formô
Era essa a formação:
Elenice, a pianista
Ricardo, o contrabaixista
Rodolfo na percussão

“TRIO”

Elenice Maranesi
Ricardo Vasconcellos
Rodolfo Cardoso

Os três colega animado
Se danaro a ensaiá
Gonzaguinha, convidado
Foi o mestre a orientá
Conduzindo estes talento
Surge no Departamento
Um trabalho populá

I FESTIVAL DE JAZZ DA CASA THOMAS JEFFERSON

Década da 1970

O Trio se consagrô
Cum o mestre e suas lição
O artista e professô
Se junta em apresentação
Pra peleja em desafio
Toca junto cum o Trio
E ganha a premiação

*O "Trio" obteve o 1º lugar no Festival de Jazz da Casa Thomas Jefferson, tendo a participação especial do mestre Gonzaguinha na peça "Blue Rondó à la Turk", de Dave Brubeck.

ORQUESTRA DO TEATRO NACIONAL

Enquanto isso se passava

Corria a vida normal

Alguma coisa faltava

No cenário musical

Faltava mas num tardô

Apois Santoro voltô

Pro Distrito Federal

Voltô sero e dicretado

Pra sua terra natal

Por seu país convidado

Pra missão especial

É chegada a hora e o dia

De soá a Sinfonia

No Teatro Nacional

Santoro foi corajoso

Apois soube confiá

Patriota e generoso

Soube nos valorizá

Juntô firme e confiante

Os mestre cum os istudante

Na orquestra pra tocá

E tocava a Sinfonia
Difícil de se aprendê
Na lida do dia a dia
A gente podia vê
Gonzaguiha, um virtuoso
Brilhante, mas generoso
E simples de convivê

Alegre, de brincadeira
Tocava cum perfeição
No seu naipe, nas madeira
Cada solo uma lição
Os maestro, admirado
Titulá ou convidado
Inté de outras nação



ETERNA

Mas O Sinhô assistia
Gonzaguinha em sofrimento
Preparava a hora e um dia
Mandô pro Departamento
Presente pro Gonzaguinha
A sua eterna Eterninha
Por justo merecimento

Amô sincero e profundo
Num se põe em discussão
Alma gêmeas neste mundo
De dô e desilusão
Foi derna o primeiro dia
Gonzaga viu a alegria
De volta ao seu coração

Convivença de harmonia
Que eu pude presenciá
Na lida do dia a dia
Eterna soube marcá
Presença da verdadeira
Namorada e cumpanheira
Que ele podia contá

O home tem precisão
De amô e de companhia
O vivê na solidão
Entristece a travessia
Um home realizado
Carrega bem do seu lado
Mulhé de sabedoria

Eterna é a sabedoria
O eterno num se desmente
Estrela na travessia
Pra eternidade um presente
Da nossa orquestra O Primeiro
Luiz Gonzaga Carneiro
GONZAGUINHA, ETERNAMENTE.



CLINAURA MACÊDO

Violinista formada pela UnB, foi integrante da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, desde a fundação da mesma, até 2009, quando se aposentou. É autora dos dois únicos livros publicados, até o momento, sobre nossa orquestra: “Histórias de uma Orquestra em Cordel” (2006) e “Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro – Memorial” (2009). Escreveu os cordéis: “História de Seu Mesquita” e “História de Dourimar”. É Professora de Violino. Trabalhou como “Professora Visitante” na Escola de Música de Teresina (1993 a 1996) e, entre 2007 e 2008 foi Orientadora dos violinistas da Orquestra Sinfônica de Teresina. Atualmente é integrante da “Orquestra Brasileira de Arte Cultura e História” – OBACH. Em 2007 foi agraciada com a “Comenda da Ordem Estadual do Mérito Renascença do Piauí”.





LUIZ GONZAGA CARNEIRO
GONZAGUINHA ETERNAMENTE